

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Proprietário da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Emissária: Incluindo o Suplemento semanal,
Lisboa, mês 900; Província, 4 meses 28-30;
África Portuguesa, 6 meses 70-80; Estrangeiro,
6 meses 120.

DOMINGO, 8 DE MARÇO DE 1925

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1927

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 5313 CENTRAL
Câmara de Imprensa e Exibição
RUA DA ALTAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras.
— Não se devolvem os originais.— Os artigos publicados são responsáveis dos seus autores

A ASPIRAÇÃO POPULAR

Depois da longa experiência da monarquia, que liquidou miseravelmente, ninguém pode admitir como um facto possível a sua restauração. Como no tempo do sebastianismo, há, ainda, um ou outro monárquico, que desejaria a monarquia, mas o que não há é povo, uma massa da população, capaz de se entusiasmar pelos princípios monárquicos.

Quere isto dizer que há confiança na república, satisfação pela maneira como se tem conduzido o regime republicano? Também não.

Se não há fé monárquica, também não há fé republicana. O povo sabe perfeitamente que no Estado, seja monárquico ou republicano, quem domina são umas classes em detrimento de outras classes, e sabe, por experiência própria, que na república não é o povo que impõe a sua vontade, a pezar-de de ele constituir o maior número.

No entanto, a manifestação a Belém foi um facto de uma alta significação. Mas não representou a fé na república, significou apenas um protesto exactamente por na república se transigir de preferência com as classes dominantes.

O povo não quer a monarquia e desinteressa-se da república, como forma de governo. Que quer então?

Nas grandes manifestações populares que se têm produzido, são muitas vezes aclamados a *A Batalha*, a C.G.T., o comunismo. Vê-se que a massa esboça já uma aspiração, por ventura ainda vaga e indefinida, por qualquer coisa que não é a república. Ela querer ver satisfeitas as suas necessidades, atendidas as suas reclamações, e compreende já que tudo isso não lhe é possível com a velha organização do Estado.

Estamos numa fase de transformação. Isto é evidente. Num dado momento, esse povo insatisfeito, desiludido dos políticos, mas tendo um desejo ardente de bem-estar, e a ideia de que esse bem-estar é possível quando acabarem os parasitas e os operários forem entregues a si próprios, quando as fábricas, a terra, os meios de transporte forem apropriados em comum, por todos os trabalhadores.

Não será esta a ocasião apropriada para os nossos militares operários, os diversos sindicatos, a organização dos trabalhadores, enfim, ir estudando a hipótese da possibilidade de se dar uma transformação da vida social?

Se amanhã o Estado, desconjuntado, baquear, que organização criaremos para o substituir? Como continuar a laboração das fábricas, distribuição dos seus produtos e todas as manifestações dum país civilizado?

Estamos a pouco tempo dum congresso operário. O sindicalismo não pode furtar-se às responsabilidades do actual momento histórico. Não seria interessante que entre as teses a tratar se apresentasse e discutesse os vários problemas que terão de ser resolvidos se uma revolução, consequência dum crise do regime e da burguesia, colocar o operariado na situação de ter de tomar conta da produção, sem donos nem dirigentes burgueses? Parecemos que o assunto é digno de reflexão e merece da parte de todos os militantes que o estudem e emitam a sua opinião.

LEIAM AMANHÃ

SUPLEMENTO LITERARIO

A BATALHA

SUMARIO:

O Jornalismo.
O teatro dos novos e o teatro de ideias novas.

Lisboa intelectual, por Eduardo Frias, Esgardo Zeni, inadapável, por Carlos de Abreu.

Questões de ética, por J. B. Caracol... Caracol..., versos de Saldaña Carreira.

O que foi a 9.ª sinfonia de Beethoven, por Francine Benoit.

A mania de colecionar, por Nogueira de Brito.

A cavalgada do sonho, por Julião Quintinha.

A peça «Vivette» no Nacional.

Notas de arte — (reprodução de esculturas célebres).

Caricaturas, de Stuart Carvalhais.

O que todos devem saber, (com gravuras).

Chico, Zecas & Comp., (com gravuras).

O 2.º Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

O importante acontecimento vai realizar-se em breve na cidade de Amsterdam

A Associação Internacional dos Trabalhadores comunicou à Confederação Geral do Trabalho que o seu segundo congresso terá lugar em breve na cidade de Amsterdam.

Todas as centrais e minorias aderentes à A.I.T. devem fazer-se representar nesta importante reunião magna a todos os títulos dum valor excepcional, que marcará na vida revolucionária dos organismos operários uma nova fase de luta e ação.

A reunião de Amsterdam merece-nos um particular interesse, como central aderente que somos e integrados, por consequência, nos seus objectivos máximos.

Essa análise não pode ser feita dum jacto, no turbilhão agitado de todos os dias. Carece de serenidade, inteligência e concisão, para que o operariado se aperceba da grandeza moral e revolucionária do acontecimento que vai produzir-se e no qual está comprometido.

E' o que faremos por estes dias, limitando-nos por hoje a tornarmos público a ordem de trabalhos do Congresso que é a que segue :

1.º Eleição do presidente e vice-presidente;

2.º Discurso de abertura;

3.º Eleição da comissão revisora de mandatos e da comissão de pareceres e revisora de contas;

4.º Relatório do Secretariado;

5.º Relatório do tesoureiro;

6.º Relatórios dos delegados;

7.º Luta contra a reacção internacional;

8.º Auxílio internacional;

9.º Posição da A.I.T. perante as diversas tendências do movimento operário;

10.º Propaganda da A.I.T.;

11.º Declaração de simpatia para com as organizações sindicais revolucionárias do Japão, China e U. S. A.;

12.º Modificação dos estatutos;

13.º A imprensa da A.I.T.;

14.º Relatório da comissão de pareceres;

15.º Relatório da comissão revisora de contas;

16.º Eleição do Secretariado e da sua sede;

17.º Escolha do local e da data do próximo congresso;

18.º Discurso de encerramento.

O Secretariado convida as organizações nacionais aderentes a tomarem resoluções sobre cada um dos pontos da ordem do dia e a entregas aos seus delegados indicações concretas a fim de que as resoluções do congresso se harmonizem com os desejos das organizações que nele participem.

As organizações que desejam ampliar a ordem dos trabalhos devem fazer chegar os seus desejos ao Secretariado o mais rapidamente possível.

A Morte de Ebert

MARCARÁ A FALENCIA, ANTERIORMENTE ACENTUADA, DA SOCIAL DEMOCRACIA

Com a morte de Ebert, o partido social-democrata, que desde o ano de 1918 até às últimas eleições legislativas governou a Alemanha, vai entrar na decadência.

Toda a ação política de Ebert, perfeitamente em contradição com as ideias que dizia professar, não fizeram senão desacreditar a social-democracia perante o proletariado alemão.

Durante a última guerra, Ele, à semelhança dos Sembat, dos Cachin e dos Renauld, empurrou o povo para o matadouro e em 3 de Agosto de 1916 fez a apologia da guerra submarina, tam cara ao almirante Von Tirpitz.

Num processo recente que ele intentou aos nacionalistas, por o terem difamado, afirmou que tinha dado a sua adesão à greve geral de Janeiro de 1918, a fim de a dirigir, de forma a não prejudicasse os interesses da paz!

Tornou senhor do poder, "após a fuga de Guilherme II, ele foi, como todos os chefes de governo, o agente consciente ou inconsciente da finança e da indústria, e manobrado pelas forças reacionárias da Alemanha, não teve a coragem de confessar a sua impotência e abandonar um poder que só servia para escravizar cada vez mais a classe operária.

A social-democracia não soube corresponder às aspirações do povo alemão e este perdeu a confiança nela.

Os reacionários, aproveitando-se desta desconfiança, vão fazer todo o possível para que reapareça um Hohenzollern no tablado da política alemã, mas esperamos que o proletariado saberá defender-se contra as tentativas dos patriotas que pretendem explorar em seu proveito a morte do presidente Ebert.

O socialismo reformista morreu, é facto, mas só a revolução social emancipadora pode salvar a Alemanha das hostes reacionárias.

O greve dos ferroviários alemães

BERLIM, 7.—A greve dos ferroviários alemães atinge já as linhas da região de Berlim. (L.)

A dualidade de critérios dos conservadores

A pacífica manifestação a Belém foi uma desordem, o assalto ao quartel general foi um acto pacífico...

Quando foi da manifestação a Belém, a pesar de grandiosa pelo número de manifestantes, foi absolutamente pacífica e ordenada, logo todos os conservadores deram os boles na boca, gritando contra a canalha, contra a desordem e contra o perigo bolchevista.

Os manifestantes, no número dos quais se encontravam muitos camaradas nossos, foram insultados grosseiramente pelos amigos da ordem, como se constituísse alguma manifestação subversiva a jardim Belém. E desde essa data que os insultos directos e indiretos aos elementos avançados não mais cessaram, fazendo-se todos os esforços possíveis para que o exército viesse para a rua num movimento cujo fim principal seria abafar o protesto.

Quere dizer, eles, os conservadores, que se jactam de amigos da ordem, têm sido os últimos tempos, como maioria vez temos provado, os principais agentes da desordem, pelos seus actos de exploração e especulação mercantil, pela sua atitude provocadora e pelo aliciamento constante que têm fazendo à força pública.

Mas, para que os nossos camaradas apreciem, para que toda a gente honesta do país possa julgar e ver de que lado está a razão, vamos apontar os seguintes factos:

Como se sabe, os recentes protestos e movimentos das classes trabalhadoras, incluindo a própria jornada a Belém, tiveram por especial objectivo o defender o povo das garras do explorador, e, embora esses movimentos se tenham produzido na melhor ordem, logo os conservadores apareceram armado em vítimas, e insinuando a força pública que a sociedade estava em perigo.

Mas em perigo porque — reverendíssimos partidos?

Só porque o povo está resolvido a não consentir que o roubam mais?

A verdade é que, só porque os consumidores resolveram entender-se melhor, toda a gente se alarmou bordando as mais disparate fantasias sobre um perigo bolchevista que eles engendram a seu belo prazer.

Queremos os nossos leitores agora ver como esses cínicos amigos da ordem procedem, em face dum tentativa revolucionária conservadora que de facto se pretendeu levar a efecto?

Não dizem nada, reduzem a ocorrência que todas as pessoas de bem analisam o perigo que existe, com a agravante de que é hipócrita e mais cruel. Não assassinam rapidamente a vítima, mas mata-a lentamente, torturando-a, machucando-a, tuberculizando-a.

Impõe-se, sem demora, um protesto vibrante contra este regime prisional. A sociedade não tem, nem pode ter o direito de matar. A vida humana é sagrada. Por todo o país deve erguer-se um protesto formidável contra o regime prisional. É necessário sacudir a indiferença política, a indiferença burguesa, fazendo-lhe sentir que um preso é um homem, é uma vida que deve ser respeitada.

A secção da Meia-Laranja enviou-nos o seguinte comunicado: «Reuniu-se esta secção para apreciar a forma como o director das cadeias civis de Lisboa está procedendo para com os presos sociais, afirmando que dentro de cavernas houve muita justiça e conduta, mas mata-a lentamente, torturando-a, machucando-a, tuberculizando-a.

Queremos que os nossos leitores agora vejam que a ocorrência que todas as pessoas de bem analisam é esta: que todas as pessoas de bem analisam o perigo que existe, com a agravante de que é hipócrita e mais cruel.

Quer dizer, nós os trabalhadores, com a nossa organização que representa algumas centenas de milhares de indivíduos, não podemos protestar contra os comerciantes e acionadores que nos roubam, e se o fizermos corremos o risco de ser expingidos e despedidos.

Eles, que são uma minoria, fragmentos de várias patrulhas políticas sem coesão, conspiram à vontade, fomentam a indisciplina e aliciam militares, assaltam quartéis a mão armada, e são considerados elementos de ordem, pela imprensa cúmplice.

Que afrente o país, a parte honesta do país, nestas incorreções! Que todas as pessoas de bem analisam o perigo que existe, com a agravante de que é hipócrita e mais cruel.

Só há uma resposta a dar, e para ela é preciso que se aprestem todos os trabalhadores, manuais ou intelectuais, na devida oportunidade, que pode chegar mais cedo do que muita gente pensa.

Já que os exploradores, depois de nos roubarem, ainda por cima nos provocam, que há que mostrar-lhes de que lado está a força e a razão — porque a razão ainda é a nossa maior força.

Nós, os que protestamos contra os ladões, somos os desordeiros!

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

É certo!

Só há uma resposta a dar, e para ela é preciso que se aprestem todos os trabalhadores, manuais ou intelectuais, na devida oportunidade, que pode chegar mais cedo do que muita gente pensa.

Já que os exploradores, depois de nos roubarem, ainda por cima nos provocam, que há que mostrar-lhes de que lado está a força e a razão — porque a razão ainda é a nossa maior força.

Nós, os que protestamos contra os ladões, somos os desordeiros!

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

É certo!

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

Eles, que fomentam insubordinações à mão armada, são os amigos da ordem.

CARTA DO PORTO

Agrava-se o conflito entre os anualistas e a Carris

A guarda republicana distribui coronadas a torto e a direito

PORTO, 7.—A questão da Carris continua hoje a perturbar a tranquilidade da cidade. Os acontecimentos complicam-se e os ânimos acirram-se.

Os anualistas, prosseguindo na sua atitude anterior, têm em não pagar bilhete avulso e a não sair dos carros. O pessoal insurge-se contra os recalcitrantes, chegando alguns até à agressão. A guarda republicana intervém, mas, agora, violentamente. Por este facto, as brutais coronadas, a torto e a direito, nos anualistas têm sido o prelúdio do movimento.

O conhecido artista Cristiano de Carvalho, segundo informes que julgamos fidedignos, foi também alvo daquelas magnanimitades da guarda republicana. Como esta se mostra quase ostensivamente ao lado da Carris; estabeleceu-se desinteresse, vê-se, entre aquela corporação e a polícia, recolhendo às suas esquadras respetivas; a polícia estava mais ao lado dos anualistas.

A atitude feroz da guarda tem dado azo a acríticos comentários, dizendo-se que ela procede dessa maneira, em virtude dos oficiais terem todos um desconto de 70% nos seus passos anuais.

Também se desenvolveu um péssimo ambiente contra os empregados da Carris, ouvindo-se frases como estas: "O Severiano há de, depois do conflito, dar-lhes o pago..." "Que vinharam para a greve, que nós lhes recompensaremos o procedimento actual."

Pelo que traçamos resumidamente, prende-se, pois, que os *corps-d'armes* por vezes desenrolados têm interrompido, de minuto a minuto, a circulação dos carros; só principiam de novo a sua carreira quando o anualista é corrido à coronação.

Igualmente se comenta o facto de algum pessoal da Carris andar à paisana, como passageiros, auxiliando na expulsão dos anualistas—quando, segundo, a opinião de uma parte do público, devia conservar-se neutra.

Escusado é dizer que os próprios comentaristas, formados em grupo, têm por vezes sido surzidos—dissolvidos à pancada coroada.

A's duas da tarde efectuou-se nos paços do concelho uma reunião de anualistas e demais público. As frases foram contundentes, para a Carris, sendo a assembleia de opinião de que a cidade não deve estar subjugada só pela vontade caprichosa de um homem: o Severiano José da Silva... dono autêntico da Companhia é do Porto.

Depois da reunião, os vereadores srs. Ramiro e Guimarães foram, até junto de centenas de anualistas, a pedir ao chefe do distrito reclamar providências: ou põe termo à questão, apoiando a Câmara, e portanto evitando as agressões da autoridade republicana, ou, reconhecida a sua impotência, irá a Lisboa uma comissão composta pela Câmara e anualistas depôr nas mãos do governo, isto é, do sr. Vitorino Guimarães, a demissão da Câmara, responsabilizando-o pelos acontecimentos graves que a seguir possam a vir dar nesta cidade.

Enfim, a confusão vai aumentando e a borda também.

O chefe do distrito aconselhou a que os anualistas mantivessem a maior serenidade, pois amanhã a questão seria resolvida—momentaneamente, é claro—retirando a guarda dos carros.

Há uma corrente de anualistas, porém, que não acredita na retirada da guarda, continuando o conflito.

Depois do comício este resultado à multidão anualista, esta foi em parada até à praça da Liberdade, dando-se várias peripécias com os carros.

O pessoal não traz agora, numa grande parte, as chapas nos botões,

Como se deu ontem, a circulação dos carros deve terminar ao anochecer.—C.

Atentados contra duas autoridades francesas

LONDRES, 7.—O "Times" publica um telegrama de Beyrut dizendo que o presidente do Tribunal da Relação de Alepo foi encontrado assassinado ontem de manhã, parecendo não existirem razões políticas que expliquem o assassinato daquele juiz francês.—R.

CAIRO, 7.—Os bandidos do Iraq atacaram na fronteira da Síria o vice-consult de França em Bagdad, o qual ficou gravemente ferido.—R.

Locomotivas abandonadas no Rio Grande do Sul e 5 outras em São Pedro, com 24 vagões plataformas de 28 T de lotação.

Se a essa quantia adicionarmos a que depende o governo federal com as linhas abandonadas teremos:

Importância das construções 19.100.000\$000 Importância paga para a conclusão do trecho de São Pedro 3.820.000\$000 Importância do material abandonado 4.726.000\$000 Total pago pelo governo 27.646.000\$000

Quere isso dizer que o governo federal gastou 27.646 contos (meio brasileiro) para ter em resultado 31 quilómetros de linha para ser explorada, mas que até hoje não foi possível dar uma organização a esse tráfego a pesar das reclamações que surgem de todos os lados e pelo abandono e consequentes estragos que vai tendo a linha.

Não há dúvida que é sobremaneira deprimente!

E assim termina a *Gazeta* nas colunas que num dia vimos fazer acusações aos soviéticos sobre desleixo, incapacidade técnica, indisciplina e outros casos, análogos que o sr. Faro cita no *Século*.

Sobre Portugal muito haveria que dizer, mas como o artigo já vai longo de mais, o sr. Faro poderá analisar a campanha que nas colunas da *Batalha* foi feita sobre os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Já vê o sr. Faro que *cá* *nossa casa* *pela* *dos* *amigos* as coisas não decorrem melhor, e com menos probabilidades de melhorarem, principalmente *cá*, como está sucedendo na Rússia.

ARLÓS BENTO

CONFERÊNCIAS

As associações de socorros mútuos no actual período de transição monetária

Na sede da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria, rua da Palma, 237, e a convite da sua direcção, realiza o sr. António Joaquim Simões de Almeida na próxima quinta-feira, 12, às 21,30, uma conferência sob o tema: "As associações de socorros mútuos no actual período de transição monetária".

"Camilo Castelo Branco"

COIMBRA, 6.—Promovida pela U. Livre, realiza o sr. Vitorino Nemésio, no salão nobre da Câmara Municipal destinação uma conferência sobre Camilo Castelo Branco no dia do aniversário da morte deste grande prosador.

Nos três dias antecedentes realizar-se-ão também, em locais que serão previamente indicados, várias leituras comentadas de livros de Camilo.

Como representante da Universidade Livre usará da palavra, na sessão promovida pela Biblioteca Municipal, o sr. Mário de Castro.—E.

Arbitrariedades de um juiz

Informam-nos que mais duas ordens de despejo foram ontem assinadas pelo juiz visconde de Olivans, o que é contra a lei em vigor, que mandou suspender todos os despejos.

Provavelmente as ordens ontem assinadas tinham tanta justificação como a referente ao despejo violentamente feito contra António Ferreira Sousa, inquilino do 2.º andar da rua das Olarias, 3, em que a situação do inquilino estava perfeitamente legal, sendo improcedente, em conformidade com a lei vigente, a alegação de que o inquilino causava má vizinhança, além de que a ação respeitante a esse caso estava ainda pendente.

Isto prova apenas que o referido juiz é um inimigo implacável dos inquilinos, pois favorece escandalosamente os senhores.

Cinema Gil Vicente

64 — Rua das Operárias — 64 (a GNR) completamente remodelado e confortável e onde serão corridas fitas dos cinemas TIVOLI, CONDES E CENTRAL

HOJE — Matinée, às 15 horas Soirée, às 20 horas HOJE

SESSÕES SEGUINHAS

Journal do Condes n.º 233 (estreia — 1 Parte) Lutas, os gatos (estreia), Fita cómica por Encas — 2 Partes

Italo de Amilhão, 5.º Episódio Arrependimento e persuação — 4 Partes

Il noivo esquecido, 6.º Episódio — 4 Partes

Palácio em plenário (estreia), Fita cómica por Patrício — 3 Partes

QUINTA-FEIRA, 12 — Soirée elegante

Sumurum (estreia) por Pola Negri e História dumna mulher, (estreia) por Pina Menichelli.

Contra o movimento das "fórcas vivas"

Uma sessão de propaganda no Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha

Tem lugar amanhã, na sede deste sindicato, Calçada da Graca, 12, pelas 21 horas, promovida pela comissão administrativa com a representação de vários organismos, uma sessão pública contra a crise de trabalho, e manejos da U. I. E.

Dada necessidade de todo o proletariado, estar atento sobre tão momento assunto, juntam-se na ocasião em que os nossos mais declarados inimigos se preparam revolucionariamente para escalar o poder, para mais a vontade satisfazerem os seus desígnios, urge que todas as vítimas sem distinção de classes, compareçam a esta reunião no seu máximo número, para assim demonstrar a sua repulsa, contra tão imorais intenções das hósties exploradoras.

A edição, bem apresentada, é da Livraria Civilização, Porto.

VARÕES E LUSTRES, versos de Silva Tavares

Silva Tavares, nome já revelado noutras gerações de literatura, em que tem marcado com brilho o seu lugar, lançou agora a público mais um livro em que se mostra noutra modalidade—o humorismo.

Varões e Lustres, é um livro onde pas-

sam os perfis daqueles dos homens das letras e das artes, traçados em verso leve, conciso, por vezes irônicos com bastante graça. Por assim dizer é quasi uma brincadeira literária que, se não aumenta, consideravelmente, o bom nome do poeta, não deixa de vincar o seu talento no gênero satírico, que não é dos mais fáceis.

Edição, cuidada, da Livraria Civilização, Porto.

AIS, versos pelo sr. Costa Brochado

Com um prefácio de Campos Monteiro, publicou o sr. Costa Brochado o seu livro de versos, intitulado *AIS* e que, por todos os motivos, nos parece uma estreia literária. Tem versos bons, tem versos maus, tem, sobre tudo, a simpática audácia da mocidade, embora essa mesma audácia seja a portadora de imperfeições de recorte, rima, de toda uma técnica pesada e antiga, que o sr. Brochado será o primeiro a repudiar daqui a alguns tempos.

Delitos desses temos todos os que escrevemos, os que tivemos a fatalidade de nos deixar apaixonar por este óceno veneno da literatura.

A poesia, dada a evolução da arte, está cada vez menos para a sociedade contemporânea. Por outras palavras: o momento social, com as suas paixões, a sua fúria desgrenhada, o conflito das coisas e das almas despidos como sobre areia moveida, para se cair de novo na poesia não pode deixar de exigir ao poeta qualidades de observador, e, ao mesmo tempo colorista, de modo que ele saiba gravar; nervosamente, toda a epilepsia do momento, cuidando, ao mesmo tempo, do apropriado e harmonioso estilo.

Os versos do sr. Costa Brochado, duma simpática ingenuidade, a que não falta o idealismo de todos os poetas, deram-nos a impressão de haver sido escritos há 30 anos.

Uma certa vulgaridade nos assuntos e alguns descuidos na forma, compreendem-se nesse estreante. De resto alguns versos bons, provando o temperamento poético do autor.

A edição é da livraria Fernando Machado & C. — Porto.

A BATALHA

Os livros e os autores

O LIVRO DE JOÃO FRANCO, SOBRE O REI D. CARLOS por João Paulo Freire

Só hoje pude terminar a leitura do livro do meu camarada na imprensa sr. João Paulo Freire, o qual ésta analisa as cartas de D. Carlos, ultimamente publicadas e comentadas por João Franco.

Trata-se, como o título indica, duma obra política, decerto mais uma pedra destinada àquele material que o historiador, um dia, terá de utilizar.

Referindo assuntos quase todos do nosso tempo, Paulo Freire não nos dá grandes novidades, mas a sua maneira de comentar, por vezes desnecessariamente violenta, empresa interesse ao assunto. O seu livro prova, especialmente, que um jornalista de recursos pode descobrir assuntos novas histórias velhas.

Paulo Freire, porém, não é tão sereno como conviria ao comentador de documentos políticos de tal importância. Esquece-se a mérito, da sua função crítica e deixa-se empregar pelo paixão monárquica.

Nas suas páginas há, por vezes, uma louável pretensão de estabelecer a verdade e fazer triunfar a justiça, mas esta mesma justiça que reclama para os seus correligionários, não a usa sempre para os adversários.

Um exemplo: a forma como aprecia os comentários da *Batalha* à 6.ª carta do rei.

Nesta carta D. Carlos, que estava em Vila Viçosa, previne João Franco de que constava ali que Alfonso Costa e Alexandre Braga iriam em propaganda para aqueles sítios. O rei mostra-se preocupado porque *ai gente para tudo*—segundo diz—podiam dar algum tiro nos caudilhos republicanos, e depois, o monarca e seus adeptos que ficavam com as culpas.

Commentou a *Batalha* a referida carta, salientando que ela não exteriorizava a bondade régia, mas um lógico receio, da parte do rei, pelas consequentes responsabilidades.

Esse comentário da *Batalha* Paulo Freire achou-o insídio. Mas onde a insídia?

Como interpretar doutra forma o pensamento da carta?

Outro exemplo da injustiça de Paulo Freire: Acerca da ilustração e mentalidade do rei, comparando-o com os diversos chefes de Estado da República, Paulo Freire conclui que D. Carlos era muito superior.

Não concordamos. Podemos discordar da orientação política de todos eles, mas reconhecer a superioridade mental de D. Carlos sobre Teófilo Braga, Arriaga e mesmo outros, não.

Ao sr. Teixeira Gomes considera-o Paulo Freire um escritor de pouco folego.

Em face da obra literária do actual chefe do Estado, mantemos opinião contrária. E já Fidalho de Almeida, Brito Camacho e outros escritores de primeiro plano, de há muito consideraram o sr. Teixeira Gomes uma figura literária de relevo.

Claro que todas estas discordâncias não robam o interesse ao livro de Paulo Freire. Discordamos, mas prestamos justiça aos seus méritos de jornalista e trabalhador das letras.

A edição, bem apresentada, é da Livraria Civilização, Porto.

VARÕES E LUSTRES, versos de Silva Tavares

Silva Tavares, nome já revelado noutras gerações de literatura, em que tem marcado com brilho o seu lugar, lançou agora a público mais um livro em que se mostra noutra modalidade—o humorismo.

Varões e Lustres, é um livro onde pas-

sam os perfis daqueles dos homens das letras e das artes, traçados em verso leve, conciso, por vezes irônicos com bastante graça. Por assim dizer é quasi uma brincadeira literária que, se não aumenta, consideravelmente, o bom nome do poeta, não deixa de vincar o seu talento no gênero satírico, que não é dos mais fáceis.

Edição, cuidada, da Livraria Civilização, Porto.

HOJE: Ultima récita da MADAME FLIRT

AMANHÃ: «Reprise» do sensacional original de C. Selvagem

NINHO DE ÁGUIAS

Reaparição do genial artista Lucinda Simões

Luzilia Simões, Erico Braga, Hortense Luz e S. Díaz nos primariais papéis

HOJE: Ultima récita da MADAME FLIRT

AMANHÃ: «Reprise» do sensacional original de C. Selvagem

NINHO DE ÁGUIAS

MARCO POSTAL

S. G. D. Mendes: O Dicionário da Língua Portuguesa pode citar: «... o Marco do Povo». Indicação das terras de Os Mestres do Povo.

Morango: — L. V. C. Recebemos as duas obras que foram à conta da vossa assinatura. Entendido.

S. Tiago de Cacem: — Seção Corticeira: Vai por nossa conta até melhorar a situação.

Reims-Marne: — A. B.: A assinatura fica paga ate 31 de Janeiro.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE MARÇO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,29
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,44
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	8	15	22	29	Q. C. dia 8 às 9,03
S.	9	16	23	30	L. C. 16 7,03
T.	10	17	24	31	Q. M. 23 10,11
					L. N. 28 3,42

[CAMBIOS]

Países	Compra	Venda
Londres, 50 dias de vista	95800	95800
Londres - cheque	95800	95800
Paris	1207	1208
Suica	3260	4020
Bélgica	1284	1285
Itália	1284	1285
Holanda	8220	8233
Madrid	2294	2296
New-York	2297	2298
Brasil	2292	2293
Portugal	2291	2292
Suecia	2292	2293
Finlândia	2292	2293
Praga	3621	3622
Buenos Aires	2290	2291
Viena (1 shilling)	2293	2298
Rentmarcks euro	2290	2290
Agio do ouro %	2290	2295
Liras turcas	100000	112000

ESPECTÁCULOS

TEATROS

«Teatro — A's 21,30 — Madame Flirt». «Teatro — A's 21 — Benamores». «Teatro — A's 15 — Concierto». «Teatro — A's 21,30 — Vivettes». «Teatro — A's 21,15 — Frasquitas». «Teatro — A's 21 — A Massaroca». «Teatro — A's 15 — Concierto». «Teatro — A's 21,15 — Mola Real». «Teatro — A's 21,30 — A semana dos 9 dias». «Teatro — A's 21,15 — Susi». «Teatro — A's 21,30 — Irmãos e A Cilada». «Teatro — A's 20,30 e 22,30 — O Senhor Donaldo». «Teatro — A's 15 — Folclore dos Recreios — A's 21 — Companhia de circo». «Teatro — A's 15 — Matine». «Teatro — A's 20,30 — Variedades». «Teatro — A's 21 — Gracal». «Teatro — A's 20 — Animatógrafo». «Teatro — Parque — Todas as noites — Concertos e discursos». «Teatro — A's 21 — Cinebras». «Teatro — Chantecler — Tivoli — Tortoise — Gil Vicente».

MALAS POSTAIS

«Teatro — A's 21,30 — São João expedidas malas postais para a Madre de Deus, Pará, Manaus, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santos». «Da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência registada efectua-se às 10 horas e da ordinária às 12 horas».

Depósito Geral de Lanifícios
267 Rua São Tomé 100 (2.º andar) 267
Venda directa ao público de CHEVIOTES
para 17\$00 cada metro
e FATS DE FANTASIA

MENINAS e todas as donas de casa

que desejem mudar os seus vestidos de corteira para mais clara, podem fazê-lo comprando um tubo do afamado Descorante «Lipispa» tingindo-os depois na cér que desejarem com as anilinas «WIKI-WIKI».

Cada tubo indica em português a maneira de se usar.

Este descorante, assim como as anilinas «WIKI-WIKI», encontram-se à venda em todas as boas drogarias de Portugal e no depósito geral:

Rua da Madalena, 113, 2.º

TELEFONE C. 5507

Sampaio & Rodrigues

Aos marceneiros

Madeiras secas serradas, ótimas dimensões. Preço sem competidor.

Vende-se: castanho, freixo e nogueira.

A. PIRES

Azinhaga da Torrinha, ao Régo

cadáveres de seus pais, agarrar este corpinho entre as garras, e levantando a prisa, elevar-se no espaço soltando um grito prolongado. Joana e seu marido, um instante distraídos das suas angústias, seguiam com olhos espantados voo circular do abutre, quando ao longo o servo avistou, dirigindo-se para ele, um peregrino montado num burro.

— Fergan, dizia Joana ao cabouqueiro de quem os olhos não se apartavam do peregrino, o qual se aproximava cada vez mais; Fergan, enfraquecido como estás, se dás o teu sangue por nosso filho, morrerás talvez, eu não te sobrevirei, e quem protegerá depois Colombaik? Tu ainda estás capaz de andar, de levar as costas; eu sinto-me sem forças para continuar o caminho, os meus pés ensanguentados recusam levá-me, deixa-me sacrificar por nosso filho, e em seguida tu abrirás uma cova na areia; tenho medo de ser devorado pelos abutres.

Fergan, em vez de responder, disse:

— Joana, deita-te no chão, não te mexas, finge-te morta, que eu vou fazer o mesmo... estamos salvos!

Dizendo isto, o servo deitou-se de bruços ao lado de sua mulher; já se ouvia a respiração arquejante do burro em que montava o peregrino e que se aproximava; o animal cançado caminhava penosamente, encerrando-se na areia até aos joelhos; seu dono, homem alto e robusto, vestia um hábito escuro esfarrapado, cingindo por uma corda que lhe descia até aos pés calcados de sandálias; a fim de se preservar contra o ardor do sol, tinha puchado para a cabeça, em guisa de capuz, o cabeção do hábito cheio de muitas conchas, a cruz de pano encarnado dos cruzados via-se-lhe no ombro direito, na albarda do burro trazia dependurados um alforge e uma grande borracha cheia de líquido. Ao aproximar-se do corpo do homem e da mulher a quem o recém-nascido acabava de ser arrebatado por um abutre, o peregrino disse em voz baixa falando consigo mesmo:

— Ainda mais mortos! a estrada de Marhala está juncada de cadáveres!

Chapelaria & SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros
Grande sortimento em chapéus, liços e meias em cores lindissimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRAND NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda

FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só da Cooperativa

A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

FÁBRICA DE BONETS Chapéu modelo Jauré (Exclusivo)

Países Compra Venda

Londres, 50 dias de vista 95800

Londres - cheque 95800

Paris 1207

Suica 3260

Bélgica 4020

Itália 1284

Holanda 8220

Madrid 2294

New-York 2297

Brasil 2292

Portugal 2291

Suecia 2292

Finlândia 2292

Praga 3621

Buenos Aires 2290

Viena (1 shilling) 2293

Rentmarcks euro 2290

Agio do ouro % 2290

Liras turcas 100000

LIBRAS 112000

A BATALHA

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

As perseguições aos operários conscientes nos Estados Unidos

Na livre América continuam a perseguir-se ferozmente quem ousa atacar os apetites vorazes da plutocracia, que domina politicamente e economicamente aquele país.

O secretário da secção de Califórnia do Comitê de Defesa dos Présos, Tom Conors, foi preso em Março de 1923, e pôsto em liberdade passado algum tempo. Pouco depois foi novamente preso, e condenado a três anos de prisão por ter feito propaganda a favor da libertação dos presos políticos.

Richard Ford e Hermann Suhr foram condenados a dez anos de trabalhos forçados, acusados de terem tomado parte num assassinato, perpetrado pelos agentes do capitalismo.

E o sistema habitual da sociedade capitalista norte-americana, para aniquilar os operários, que se distinguem em qualquer greve.

Sulor tinha organizado os operários da sua classe, que até então estavam desorganizados, e estes a certa altura abandonando o trabalho, dirigiram-se aos directores das empresas, apresentando-lhes as suas reivindicações. Em resposta fizeram fogo sobre elas, houve alguns mortos, e então Sulor e outros foram presos e condenados.

Seis camaradas mexicanos encontraram-se também presos na América há onze anos, por terem atravessado a zona de neutralidade durante a revolução sangrenta do México. Estes camaradas estão nos cárceis de Texas, cumprindo uma pena de vinte e cinco anos de cárcere.

O Comitê de Defesa dos Présos de São Francisco empreendeu uma campanha para a libertação destes infelizes, e convocou todos os trabalhadores a intervierem a favor destes.

Entre os I. W. W.

A União dos Operários dos Transportes Marítimos dos I. W. W. de São Francisco sofreu recentemente novas perseguições. Foram efectuadas vinte e uma prisões, das quais se mantiveram seis.

As autoridades americanas perseguem os camaradas simplesmente por venderem literatura revolucionária, condenando-os muitas vezes a penas bastante elevadas.

Os I. W. W. foram obrigados a mudar a sua sede principal de Chicago, porque o local onde ela se encontrava foi destruído. Foram editados selos, cuja venda produziu 10.000 dólares, que serão destinados à edição dum novo local.

Enfraquecimento das organizações comunistas

A Federação Americana de trabalho, que durante tantos anos foi dirigida por Samuel Gompers, tem perdido um grande número de membros.

Em 1919, contava 3.260.008 membros; em 1920, 4.078.740; em 1921, 3.906.528; em 1922, 3.195.635; em 1923, 2.920.403; em 1924, 2.865.979.

Nestes últimos cinco anos, o número dos membros da F. A. do Trabalho tem descido continuamente, a-pesar-dos capitalistas americanos protegerem esta organização.

Os operários compreendem que esta organização amiga dos capitalistas não representa os seus interesses, e volta-lhe as costas.

Os chefes desta organização entendem-se muito bem, para traírem os trabalhadores. Assim, o leader Cappellini dos mineiros empregou toda a sua influência para impedir que quarenta mil mineiros declarassem a greve de solidariedade para com os doze mil mineiros da Pensilvânia, que se encontravam em greve desde Novembro último.

MOVIMENTO JUVENIL

Reorganiza-se o núcleo de Portimão

PORТИMÃO, 5.—Na sala das sessões da construção civil, realizou-se uma sessão para a reorganização do núcleo das juventudes sindicalistas, a qual esteve regularmente concorrida. Usa da palavra Elio que expõe os fins que tem em vista os núcleos e a sua influência moralizadora nos costumes e hábitos. Raúl Duarte, frizando a necessidade que a mocidade tem de educar-se, mostra as vantagens que estas tem em ingressar no núcleo.

António Franco faz sentir aos presentes os inconvenientes que pode trazer o alheamento por parte da mocidade na questão social. Citando para exemplo a sua mocidade, diz que esta o levou a praticar actos que julga condeneáveis. E não teria hoje que arrepender-se se alguém o tivesse encorajado para os bons princípios.

Valongo também se alonga em considerações de ordem moral, aconselhando os presentes a trabalharem com boa vontade, para engrandecimento do núcleo. Em seguida é nomeada a direcção que ficou constituída por António Fernandes, Manuel Elio e Carlos Próspero, respectivamente, secretário geral, administrativo e tesoureiro. Também se nomeou uma comissão para ensinar a ler e escrever alguns componentes do núcleo que o não sabiam—C.

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Trata-se do romance histórico por Eugénio Sue «Os Mistérios do Povo», que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinalar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR, E DE DIVULGAÇÃO

JÁ SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5000

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo público

E' necessário findar com a vergonha das sindicâncias que só servem para favorecer uns e prejudicar outros

Falar das sindicâncias em Portugal, é falar dumha instituição nacional. O grau de frequência que elas atingiram é tão elevado que chega a parecer incrível que num país tão rico em homenagens como éste ainda se não tivesse consagrado o seu inventor. Fazem-se sindicâncias a propósito de tudo e a despropósito de coisas nemhuma. E' sindicâncias aos transportes marítimos; aos Bairros Sociais; à Exposição do Rio de Janeiro; aos incêndios das Encomeadas Postais, Depósito Central de Fardamentos e Arsenal de Marinha; ao fornecimento de carvão para a viagem presidencial, à fortuna dos deputados e a tudo em fim que o estado, republicano tenha interferência.

São as sindicâncias o pão nosso de cada dia, elas vão desde as mais altas regiões às mais baixas esferas e o seu resultado, falso é confessal-o, com rarissimas exceções é nulo, é zero para os acusadores e uma glória para os acusados.

Sindicâncias há que a-pesar-da natureza simplista que as revestem, duram semanas, levam meses e chegam até a demorar anos; outras, que parece nunca terem fim, a que é que assim interesse ou convenha à pessoa que as move ou acusa, porque então, ai! do funcionário que éla atinge.

A sindicância em qualquer país do mundo serve de craveteira moral, para avaliar da competência, procedimento e honradez do sindicado, em Portugal serve para os mais vis e baixos designios, pois que ela raramente revela outra coisa que não seja o fruto, da vingança, covarde e mesquinharia, de que o acusador transformado em algoz se serve para na sua vítima cevar os maiores ôdios.

Raras vezes com justiça e sinceridade se pode acreditar nas conclusões dumha sindicância, pois que elas conforme começam assim terminam; começam pelo «diz-se» infame de qualquer malandrim e acabam na proteção valiosa de qualquer político. Poucas, muitíssimo poucas mesmo, são aquelas que baseadas numa acusação fundamentada têm o seu inicio. Assim assistimos continuamente ao espetáculo doloroso de funcionários honestíssimos estarem longamente à espera que a criatura nomeada para inquirir das acusações que lhe fizeram, termine o seu inquérito, e ainda ao facto de vermos êsses acusadores, que de resto são sempre criaturas dumha hipocrisia invulgar, fazendo pressão sobre elas para que o referido inquérito tão cedo termine, uma vez que muitos bem sabem que essa acusação é uma infâmia e uma armadilha só própria dos seus pessimos e degenerados instintos.

São inúmeras as sindicâncias que confiam a individuos oficialmente acreditados por si finge que andam e caminham, como inúmeros são os funcionários que, aborrecidos e desesperados, por ai esperam e aguardam que êsses individuos recordem-se da função que o Estado lhes confiou e para a qual lhes paga se resolveu terminar num mês aquilo que numha semana podiam ter feito.

Vários governos, entre eles o do sr. José Domingues dos Santos, olhando à situação caricata e perigosa que para o funcionalismo um tal estado de coisas representa, se tem comprometido a liquidá-lo, mas no entanto as suas promessas e intenções nada sólido nem valem ao lado do que representa a força oculta que os mais reles e pífios acusadores possuem.

Repórteis existem onde a sindicância é um capítulo indispensável e vulgar e, entre elas, há por exemplo a Assistência, essa Assistência que a-pesar-de todos os impostos e auxílios que, lhe concedem, consente que as ruas de Lisboa em matéria de menudez, dessa Assistência que no dizer de criaturas autorizadas como Ricardo Covões é uma mentira e uma ficção.

Ali, onde impera o critério individualista de pessoas que se creem seus proprietários e onde a intriga fervilha e «campeia» por forma que enoja e afasta os mais sinceros, fala dumha sindicância é ja coisa banal; que admirar que constantemente elas se ordenem e constantemente, apesar de todos os princípios em contrário, os acusados tem de aguardar largos dias o favor da sua condenação ou a esmola da sua rehabilitação? É certo que nem todas as sindicâncias ali pendentes demoram o tempo a que me refiro, e a prová-lo está o caso Costa Ferreira. Mas procuramos porque quer o actual delegado do governo, que tanto solicito e diligente se mostrou nesse caso, se alieia e desinteressa dos restantes? Sim! Porque? Não terão os demais também necessidade de vir esclarecida e aclarada a sua situação?

Porque será que o governo que tudo procura normalizar, não normaliza e define a situação de todos os funcionários sujeitos a sindicâncias, a quem a maioria dos casos essa situação prejudica, humilha e revoltá? Não terá o governo conhecimento dumha tal situação? Desconhecerá éle que funcionários existem que, devido a acusações infamantes que lhes fazem, se vêem obrigados a caminhar cabibaxos e envergonhados até a dia que se oiga a hora da sua rehabilitação; hora que será anunciada por quem de certo não cometeria esse encargo se fosse dado escolher? Se tem, porque não procede e ordena a conclusão dessas sindicâncias, das quais se apurarão uns criminosos e outros inocentes, mas presentemente todos sujeitos ao mesmo regime?

Não! Não é possível; mas se é, que se resolva, agora que já o sabe, a terminar com uma situação que todos deprimindo não nobilita nem engrandece o próprio regime. Basta de complicações para os criminosos, se os há, e de proteções aos acusadores; se existem. Desfaz-se a lenda do poder oculto existente em certas repartições e da preponderância de determinados individuos. Mostre-se que dentro das repartições do Estado, seja qual for o cargo que o funcionário desempenhe, não há escravos nem senhores: que todos são iguais e que todos como tal se têm de portar, se não conferirem-se há as vítimas, o direito de livre e apaineladamente se defrontarem.

Previnem-se os colecionadores do suplemento semanal de A Batalha que se estão preparando umas capas artísticas e um índice que veiu melhorar consideravelmente esta preciosíssima edição.

Aqueles que desejem adquirir as referidas capas e índice, devem desde já fazê-las as suas requisições, a fim de se poder regular a tiragem.

Brevemente haverá também coleções do 1.º ano para a venda, formando um volume de cerca de 400 páginas, optimamente encadernado em percalina, com um índice de todas as matérias contidas, para fácil consulta dos centenas de fórmulas e receitas, e de variadíssima colaboração com centenas de gravuras.

mero de 5 do corrente, de os continuos deles reclamarem a diminuição de 11.000 neles vencimentos mensais de outros funcionários, que, como elas, trabalham e vivem as mesmas dificuldades. Diz também não razão de existência a categoria de continuos, funcionários êstes que têm ao seu serviço outros funcionários.

PAULO EMILIO,

De um funcionário público recebemos uma carta em que protesta contra o facto relatado por Paulo Emilio, no seu nú-

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

E' insustentável a situação do operariado de Almada

ALMADA, 5.—A crise de trabalho nesta vila é assustadora. As fábricas estão reduzindo o pessoal, e outras reduziram os dias de trabalho.

A fome, como consequência desta situação invadiu os lares dos trabalhadores.

Há fome em todos os tugúrios, há crianças esqueláticas que pedem pão aos pais sem que estes possam atender.

Não há memória de semelhante calamidade, afirma-se todos os dias.

Se uma ação energica não se fizer dentro em pouco, não sabemos qual a sorte que espera o operariado.

Como se isto ainda não fosse o suficiente a casa Parry & Sons despediu 50 operários ameaçando os que ficaram com igual sorte.

Todavia, o sindicato de especialidade está abstracto perante esta situação, porque tem ação própria e decisiva.

Mas há mais. A fábrica de cortiças Buñal reduziu a cinco dias o trabalho dos seus operários.

Na fábrica Rankin & Sons, que tem o seu serviço um número superior a uma centena de mulheres, a exploração é desenfreada.

Ultimamente despediu um número avultado de mulheres, substituindo-as por outras, mas com um salário inferior.

Os descarragadores de mar e terra também têm meses que se debatem numa crise tremenda, crise que tem servido de pretexto tentativas de redução de salários.

Porém, devido ao forte espírito de solidariedade desta classe, as tentativas tem sido infrutíferas.

Enfim, é um verdadeiro sudário que preencheria algumas colunas de prosa, não falando mesmo na pessima qualidade do pão, e no roubo desenfreado do mercereiro.

Os elementos radicais e os buracos da sindicância, para promover uma parada das fórcas como demonstração de repulsa contra os crimes das fórcas-vivas que exploram.

Também a organização operária na devassa de oportunidade, saberá afirmar a sua disposição, mas contra todas as fórcas «mortais» ou «vivas» que exploram.

A moral é também decretada e interpretada ao sabor das conveniências do imperante, que impõe dogmaticamente e que não aceita senão a que éle (Ele, com é maiúsculo) julga ser a verdadeira ou como lhe convém que seja tida. Só ele sabe onde está o verdadeiro mal ou o verdadeiro bem.

A justiça é também um conjunto de regras e normas decretadas na defesa dessa autoridade supremo e absoluta em que os chefes se fortificam contra os ataques das turvas, da canhala. Esta justiça... injusta e iniqua é imposta por entidades delegadas do poder central que têm ao seu dispor a força bruta das armas, dos inimostores e petulantes que se julgam senhores dos destinos dos povos e incumbidos de desempenhar um papel messianico que a inferioridade mental dos seus conterrâneos aceita como correspondendo a uma necessidade imperiosa e imprescindível.

Nestes tempos primitivos, ou nessas sociedades grosseira e empiricamente constituídas no seu involucro externo ou político e, pois, a autoridade, a vontade despótica, o capricho dos chefes que envolve tudo, numha rede de ferro e de malhas miudas em que a vida individual é asfixiada e a sociedade perde a consciência de si própria.

(Da «Organização Social Sindicalista»)

RESPIGANDO...

I autoridade, — capricho dos chefes

Quando surge a autoridade não há acto alguma da vida social, quer particular, quer público, que não intervenga o poder do senhor, do chefe, do pai, do inca. O mais forte, ou pretendidamente tal, o mais hábil e ágil, o mais velho é quem manda em tudo e por tudo.

O indivíduo, as suas ideias e opiniões, os seus sentimentos, o seu corpo, a constituição da família, as sementes e as coletividades, a troca dos produtos, o comércio, as refeições, as festas, as reuniões—tudo estava subordinado ao chefe, que consultava, acunhava, concentrava todos os gêneros de autoridade: patriarcal, religiosa, guerreira, jurídica e política. Era pai, sacerdote, general, juiz!

O pai possuía o direito de vida e de morte sobre os seus filhos e mulher ou mulheres, ou melhor, sobre toda a família. Tinha uma autoridade absoluta, ilimitada, sobre os seus amigos e bens de todos os membros da família. Era ele que realizava, despoticamente os casamentos dos filhos, e nem toda a gente podia constituir família. E aqueles a quem era lícito constituir a tinham de sujeitá-la, como aliás, ainda hoje, a formalidades impostas pela autoridade assaboreadora e usurpadora, pela autoridade paternal ligada à autoridade política ou pública.

As manifestações da arte e da ciéncia, o sentir e o pensar, também estavam subordinadas as conveniências dos governos, à sua censura, abafando, estrangulando a intellectualidade, paulatinamente, irracionalmente e que cada qual poderia dizer que sentiu e que pensava ou idealizava—estão estes que ainda hoje se encontram nos países da civilização atraídos em que o nível mental é inferior, seja da parte da multidão que é analifática, seja da parte da elite que é erudita.

As manifestações da arte e da ciéncia, o sentir e o pensar, também estavam subordinadas as conveniências dos governos, à sua censura, abafando, estrangulando a intellectualidade, paulatinamente, irracionalmente e que cada qual poderia dizer que sentiu e que pensava ou idealizava—estão estes que ainda hoje se encontram nos países da civilização atraídos em que o nível mental é inferior, seja da parte da multidão que é analifática, seja da parte da elite que é erudita.

As manifestações da arte e da ciéncia, o sentir e o pensar, também estavam subordinadas as conveniências dos governos, à sua censura, abafando, estrangulando a intellectualidade, paulatinamente, irracionalmente e que cada qual poderia dizer que sentiu e que pensava ou idealizava—estão estes que ainda hoje se encontram nos países da civilização atraídos em que o nível mental é inferior, seja da parte da multidão que é analifática, seja da parte da elite que é erudita.

As manifestações da arte e da ciéncia, o sentir e o pensar, também estavam subordinadas as conveniências dos governos, à sua censura, abafando, estrangulando a intellectualidade, paulatinamente, irracionalmente e que cada qual poderia dizer que sentiu e que pensava ou idealizava—estão estes que ainda hoje se encontram nos países da civilização atraídos em que o nível mental é inferior, seja da parte da multidão que é analifática, seja da parte da elite que é erudita.

As manifestações da arte e da ciéncia, o sentir e o pensar, também estavam subordinadas as conveniências dos governos, à sua censura, abafando, estrangulando a intellectualidade, paulatinamente, irracionalmente e que cada qual poderia dizer que sentiu e que pensava ou idealizava—estão estes que ainda hoje se encontram nos países da civilização atraídos em que o nível mental é inferior, seja da parte da multidão que é analifática, seja da parte da